

Personagens (por ordem de entrada)

Pai
Mãe
Filha
Menina
Ela
Ele
Tutzi
Sol
Lua
Voz
Pedro
Vento
Saci
Rainha
Rei
Alquila
Tivo
Martí
1ºGuarda
2ºGuarda
X e Y: Lavradores

Pai, mãe e filha. Ele, um olho no jornal, outro na TV. Mãe, zanzado, na arrumação.
MENINA (de seu lugar): Mãe, por que é que a gente sonha?

(Ela não responde).

MENINA: Mãe, sabe, eu estou sempre cheia de porquês. Minha cabeça parece um novelo cheio de porquês enrolados, que quando eu desenrolo um aparece logo outro embaixo. Mas esse tá desenrolando tanto e tanto que acho que o novelo vai virar novela e... Mãe!

MÃE (sem se deter, distraída): Hum...?

MENINA: Todo mundo sonha, hein? Ontem, eu contei para a tia que quando eu durmo parece que estou viajando, vejo uma porção de gente diferente, umas coisas e lugares que eu nem sei. A tia disse que é porque eu fico sonhando. Mas de onde é que o sonho vem? Às vezes eu não estou nem dormindo mesmo, estou só naquele quaaaase apagando e começo a escutar vozes e ver coisas que de olho aberto não... MÃE!! Me escuta!

MÃE: Não amola, menina! Não vê que estou ocupada? Vai perguntar a seu pai.

MENINA: Ocupada!... Por que é que mãe nunca tem tempo de conversar com o filho? Meu pai também está ali com a cara metida o jornal e o olho na TV. Não vai nem ter olho pra mim.

(Apesar disso vai tentar, aproximando-se dele):

MENINA: PAI!!

PAI: Hum? Que foi?

MENINA: O sonho é o que?

PAI: Hein?!

MENINA: O que que é o sonho? Como é que a gente sonha?

PAI: Bem, o sonho... É difícil de explicar de modo que você entenda. O sonho é uma coisa que... que vem de muito fundo, de um lugar dentro de nós, chamado inconsciente.

MENINA: E como é que a gente vai lá?

PAI: Bom, ir lá... só dormindo. O sonho vem quando a gente dorme. Que aí o inconsciente...

MENINA: Mas pai, às vezes eu não estou dormindo e sonho!

MÃE: É que tem gente que também sonha acordado. Seu pai é um, vive no mundo da Lua!

MENINA (Para si): Pronto! Agora vem de lá dar palpite. E aí vão começar a discutir e eu...

PAI: Eu, vivo no mundo da Lua? Sei!

MÃE: Como é que não? Você vive num mundo de fantasias!

MENINA: Mundo de fantasias, pai? Que nem no Carnaval?

PAI: Não, filha. Fantasia é uma forma de sonho.

MENINA: Então no Carnaval está todo mundo sonhando?

PAI: Não! Quer dizer, talvez até esteja. Fantasias é... sonhar acordado.

MENINA: Mas você não disse que a gente só sonha quando dorme?

PAI: Bem... fantasia é... é uma espécie de sonho. Você solta a imaginação, dá asas a seus pensamentos e...

MÃE: E esquece a realidade! Que nem seu pai! Não vê que quando eu falo nas contas que temos que pagar, nas coisas da casa para consertar, fico falando, falando... Falando sozinha, que o olho dele está longe, longe...

PAI: Eu trabalho o dia inteiro, em casa tenho que descansar, desligar a cabeça!

MÃE: Desligar a cabeça? Mas você já é desligado por natureza! Aliás, acho que sua filha tem a quem sair!

PAI: Não é a mim!

MÃE: Não? Pois todo mundo acha que ela é igualzinha a você!

PAI: Antes fosse! Melhor que ser como você, que só se preocupa com bobagens, em vez de...

MENINA (Para si): Pronto! Começaram... Por que será que eles discutem tanto? Porque complicam tudo? Sonhar não é tão complicado assim... O pai disse que o sonho vem de dentro de nós. Mas... aqueles lugares, aquela gente toda, como é que vão parar dentro de mim? Tem gente e coisas que eu vi, que eu escutei e de que me lembro. Que também está dentro de mim, na minha cabeça. Mas aí é coisa que existe mesmo. Mas o sonho, ou a fantasia, não é coisa lembrada. Ou é? Não, acho que é diferente. É o que, então? Não sei. Só sei que é fácil, fácil... Não tem que fazer nada... Eu paro, fecho os olhos, assim, e vou mergulhando, mergulhando, mergulhando, devagar... Vai parando tudo em volta, ficando tudo quieto... E de repente, começa a acontecer...

VOZ (Off): E qual é a diferença?

(Ela, respondendo quase sem sentir).

MENINA: Aí é que está. Qual é a diferença?

VOZ: Pode ser uma só. Podem ser muitas. Ou pode também não ser nenhuma. No alto, em um trapézio, surge um sujeito engraçado tipo um Carlitos, de Charlie Chaplin. Pupila do olho pra-lá-pra-cá, olhando muito, olhando tudo, ele todo não para: mesmo quando o corpo fica quieto, ele parece, estar se mexendo por dentro.

MENINA: Hei! Você já estava aí? Não tinha visto você.

ELE: Cheguei agora. Ou talvez já estivesse aqui há muito tempo e você que não me via.

MENINA: Mas... você não veio por lá, nem por cá... De repente, apareceu!

ELE: E daí?

MENINA: Daí que... você existe, e verdade?

ELE: Se não existo, como é que você está aqui, conversando comigo?

MENINA: E de onde é que você veio? Como é que chegou até aqui?

ELE: Saltando.

MENINA: Saltando?!

ELE: É. Procurando. E saltando. Procurando espaço e saltando, cada vez mais longe. Não vê que eu estou no trapézio?

MENINA: Ah!... E foi ele que trouxe você até aqui?

ELE: Ele, não: o movimento que ele dá.

MENINA: O movimento... Eu também gosto do movimento. Só que, quando vai muito alto, eu tenho medo.

ELE: Medo de que?

MENINA: De cair.

ELE: É uma questão de hábito. Ou de treino. Depois de algum tempo fica fácil. Tão natural que não se consegue mais parar, nem andar de outro jeito. A gente começa aprendendo com o corpo: a deixar o corpo bem solto... a não ter medo do impulso... a gostar do movimento... a deixar-se embalar... balançar... dançar...

(Enquanto fala, seu corpo vai também pegando embalo, balançando, dançando).

ELE: E assim vai indo, cada vez mais alto... mais alto ...e mais, até que o movimento leva bem longe e aí... um salto!

MENINA: Cuidado!

ELE: Pronto. Aqui estou. A seu lado. Assim pode ver que existo mesmo.

MENINA: Você podia ter caído!

ELE: Mas também posso não cair. Então por que não saltar?

MENINA: Bom, isto é, mas...

ELE: Mas...? Os astros todos se movem no espaço. Tudo que está vivo se move: a terra, o mar, o fogo, o ar... Então por que parar? Por que não seguir este impulso e movimento?

MENINA: O impulso e o movimento... Mas pra onde você está indo? Não sei seu nome, nem de onde veio, nem para onde vai...

ELE: Você faz questão de um nome?

MENINA: Claro. Eu sou Tutzi.

ELE: Tutzi? Pois bem, então, hoje, aqui... pode me chamar de Tivo.

TUTZI: Hoje, aqui?

TIVO: Para quem se movimenta e salta, o nome não é tudo. Que no salto a gente não muda só de lugar. Muda de rosto, de nome. Às vezes muda tanto, que os nomes não dizem mais nada.

TUTZI: Você é engraçado... Você faz o que?

TIVO: Sou construtor.

TUTZI: De casas?

TIVO: Também. Mas gosto mais de inventar pontes.

TUTZI: Pontes? Para ligar lugares e pessoas?

TIVO: Para ligar. Aproximar. Unir. Que tudo tem ligação. Ou pode ter. É só questão de saber ver. Ou, quando não existe, de inventar.

TUTZI: Inventar... Eu gosto! Eu gosto muito de inventar coisas, de descobrir, de...

TIVO: Eu também. Foi por isso que me apaixonei por ela.

TUTZI: Se apaixonou por ela? Por ela, quem?

TIVO: Por ela...

(Olha para o lado, como se fosse mostrar alguém e, vendo que não há ninguém ali, seus olhos se arregalam de susto):

TIVO: Epa! Mas onde é que ela está?

TUTZI: De quem você está falando?

(Ele parece agora muito aflito e preocupado).

TIVO: Deve estar escondida em algum canto!

TUTZI: Quem é ela?

TIVO: Quem... Como é que vou dizer quem ela é? Só conhecendo você pode saber.

TUTZI: Ela veio com você?

TIVO: Ou eu que vim com ela. Você não perguntou por que vim parar aqui? Eu vim por causa dela.

TUTZI: Por causa dela? Não entendo!

(Mesmo falando, não tinha parado de procurar e de olhar por toda parte).

TIVO: É. Não está mesmo. Eu tenho que ir ver aonde foi!

TUTZI: Espera! Me diz...

TIVO: Depois! Tchau!

TUTZI: Um instante só!

TIVO: Eu volto! Até mais!

TUTZI: Por que é que você não fica? Espera! Você não pode ir embora assim, sem mais nem menos... Espera!

(Ele sai. Ela vai correndo atrás, mas estaca, súbito, com algo que vê: clima da cena muda, para jogo de luzes e sons com algo mágico, e surge uma mulher pequenininha, se mexendo, rodando, rodopiando que nem louca. Tutzi parece não acreditar no que vê, mas não consegue parar de olhar aquela mulher dançando, dançando, solta no espaço, e fica a olhá-la, por instantes parada, fascinada, a respiração presa para não fazer o menor barulho. Súbito a mulher entra em um cone de sombra, e ao sair, seus cabelos são agora longos e louros. Dança mais lenta).

TUTZI: Quem...? Outra?... Não, o rosto... o rosto e a dança... são iguais!

(Tudo em volta muda também: o som é agora é um flauteado, fino e distante... Súbito, cena muda para um amarelo vivo e o som se torna estranho, forte e batido. A mulher some por segundos e reaparece, cabelos pretos, curtos, e crespos, mas ainda e sempre dançando. Nova troca e...)

MITZI: Mudou... Não! É ela mesma... Parece ter mil formas, mil rostos diferentes... Ora é quase uma menina... ora parece mulher feita, sedutora e sensual....

(Luz desce em resistência sobre o dançar da mulher e o espanto de Mitzi, a olhar. Breve corte de Luz. Reabre com Tutzi contando algo a Tivo).

TIVO: Desculpe, Tutzi, eu não devia ter saído assim sem uma explicação. Mas agora que a viu, pode entender...

TUTZI: Era essa que estava com você e sumiu, fazendo você sair correndo atrás? Mas se ela muda tanto, como sabe que é ela?

TIVO: Não sei como, mas sei. Acho que é porque, quando ela aparece, tudo em volta muda também. É assim que sei quando ela chega: ou é uma luz suave e um som manso, como se estivéssemos soltos no ar, ou um tum-tum-tum surdo, estranho e forte, que parece vir do fundo da terra...

TUTZI: Isso mesmo!...

TIVO: ... ou um amarelo que cresce, cresce, incendiando tudo em volta com seu fogo...

TUTZI: É assim que ela vem, sempre?

TIVO: Sempre: algo de água, ou de terra, ou de fogo, ou de ar, e um som e movimento...

TUTZI: Aquele dançar... dançar...

TIVO: Desde que a vi me apaixonei por ela. Foi com ela que aprendi a dança, o movimento, o salto. Por causa dela me tornei um inventor de pontes...

TUTZI: Mas... de onde é que ela vem? Como é que você faz para falar com ela? É só você que a vê, ela não aparece para mais ninguém?

TIVO: Não! Quando as pessoas se juntam, como em um jogo, ou festa, ou brincadeira, e, ficam alegres, soltos, e começam a cantar e a dançar, ela aparece também no meio deles. Vem invisível, sem ninguém notar. E as pessoas começam a dizer coisas que não dizem todo dia, a contar uma a outra seus desejos, a soltar seu impulso de deixar o corpo dançar, dançar... E eu vejo que quem que traz essa alegria dançarina e espalha no meio de todos... é ela!

TUTZI: Mas você está triste. O que é que está acontecendo? Que está acontecendo alguma coisa, dá pra sentir, pra ver, neste seu olho, assim... Diz!

TIVO: É que... Não estou conseguindo encontrá-la. E estou com medo que lhe aconteça aqui algo de ruim.

TUTZI: Pois então, vamos! Temos que descobrir onde ela está!

TIVO: Vamos...?

TUTZI: Por que não? Quero ir com você! Não vai dizer: "Você é ainda uma menina!": que nem os mais velhos têm mania de dizer!

TIVO: Não. Mas para encontrá-la, Tutzi, às vezes é preciso ir bem alto, a um lugar de onde se possa ver toda a paisagem. Ou muito fundo, como um mergulhador no mar. E estar muito atento, que às vezes ela passa invisível no ar...

TUTZI: Mas eu vou reconhecer se ela passar por mim! Sei que vou!

TIVO: Não basta querer, Tutzi. Vontade eu sei que você tem. E a vontade é importante. Mas é preciso saber também.

TUTZI: Saber o que?

TIVO: Saber ainda algumas coisas mais.

TUTZI: Eu aprendo!

TIVO: Não é tão fácil, não.

TUTZI: O que é que eu tenho que saber?

TIVO: Saber jogar o jogo do contrário.

TUTZI: Jogo do contrário...?! Eu sei jogar uma porção de jogos. Mas desse nunca ouvi falar. Como é?

TIVO: Quer mesmo saber?

(Pausa. Ela o encara):

TUTZI: Quero!

TIVO: Mas aviso desde já: depois que você aprender a jogar este jogo, você não será mais a mesma. Vai mudar.

TUTZI: Mudar, como?

TIVO: Vai ver as coisas de maneira diferente. Para você, nada mais será igual ao que era antes.

TUTZI: Puxa, você está me deixando cada vez mais curiosa!

TIVO: Então, vem cá.

(Sentam-se em outro ponto).

TUTZI: Qual é a regra do jogo?

TIVO: A regra... é não haver regras.

TUTZI: Mas então...

TIVO: Calma. Comece... olhando em volta de você. Olhando com carinho. Olhando com vontade de ver, de ouvir, de perceber tudo. Olhando as coisas e as pessoas, devagar, sentindo, reparando em cada coisinha de tudo que você vê e ouve...

TUTZI: Hum... Estou olhando. E daí? Não vejo nada de extraordinário.

TIVO: Daí que, de repente, uma coisa com que você já estava habituada, vai parecer estranha, diferente. Uma pessoa que você sempre viu de um jeito, vai ser vista de outro

modo, diferente também. Você já ouviu uma palavra dessas que você diz todos os dias? Bolo, por exemplo. É um som esquisito, não acha? Bolo... bolo...

TUTZI: Bolo, bolo, bolo... (Desata a rir) Bolo... É um som esquisito mesmo.

TIVO: Já parou pra ver o que as pessoas querem, o que procuram?

TUTZI: O que as pessoas procuram? Ah, eu acho que não procuram nada. Que estão sempre fazendo as mesmas coisas, dizendo as mesmas coisas, repetindo tudo igual: uma mesmice que é uma chatura!

TIVO: No meio dessa mesmice existe algo mais. Não acredite só nas aparências: às vezes o que parece, pode não ser, e o que não parece é que pode ser. Que o hoje também já é amanhã. E quando eu estou dizendo não também estou dizendo sim.

(Pausa. Ela o olha; ele tem um jeito meio gozador, um riso disfarçado no rosto).

TUTZI: Olha, eu... eu não entendi nada do que você disse. Pode explicar outra vez?

TIVO: Vamos ver um exemplo? Esta carta de baralho...

(Levanta o braço e agarra qualquer coisa no ar. E o olho dela se regala de espanto vendo brotar em sua mão uma carta, como se fosse mágica).

TIVO: Está vendo? Estou mostrando a você esta carta, não?

TUTZI: Claro. E eu estou vendo: rei de copas. É ou não é?

TIVO: É. E atrás?

TUTZI: Atrás... Atrás, assim, não dá pra ver.

TIVO: Mostrando a carta, o lado claro de sua figura, eu escondi suas costas, seu outro lado, o lado escuro.

TUTZI: Lógico!

TIVO: Muitas vezes o que se mostra também esconde; o que revela, também encobre.

TUTZI: Mas no jogo é o contrário: a gente mostra as costas e não deixa ver a carta.

TIVO: Mas sempre mostra e esconde, ao mesmo tempo. Que em tudo há sempre mais de um lado. Há sempre lados diferentes. Ou contrários.

TUTZI: Ah! Estou entendendo: tenho que conseguir ver o que o-que-se-mostra e também o-que-se-esconde?

TIVO: Começa por aí. Que tudo fala. Todas as coisas falam. Se eu estou vestido de branco

ou de preto, que diferença faz? Se uma cadeira tem encosto e um banco não tem, que diferença faz?

TUTZI: As diferenças... Eu vejo as diferenças. Mas pra que é que serve ver essas diferenças?

TIVO: Pra ver quando um gato está escondido... mas tem o rabo de fora. O jogo do contrário não se aprende de uma vez. Aprende-se é na prática, experimentando com cada coisa que se vê. Mas, se você conseguir perceber as diferenças... já pode vir comigo. Quer mesmo vir?

TUTZI: Claro que quero!

TIVO: Sabe que pode estar se metendo numa aventura?

TUTZI: Não importa. Quero ir assim mesmo!

TIVO: Então vou pedir ao Tempo que nos empreste seus patins, que assim podemos andar mais rápido. E no caminho iremos jogando o jogo com as coisas que formos encontrando. Volto já.

(Corte de luz rápido. Reabre com os dois patinando com os patins do Tempo e ele perguntando uma porção de coisas).

TIVO: Por que o rio é diferente de quando eu rio?

TIVO: Se eu digo brisa, vento e ventania, é tudo a mesma coisa: o ar em movimento. Ou não é?

TIVO: Quando é que o frio pode ser quente? Ou quando é que o escuro pode ser claro?

TUTZI: Ah, essa... Não consigo, mesmo!

TIVO (Mostrando): Se você põe uma coisa cinza dentro de outra branca, ela será escura; mas se puser uma coisa cinza dentro de outra preta, você não vai achar que ela é clara?

TUTZI (Olhando, encantada): Olha! É mesmo! Incrível!

TIVO: Vamos parar aqui por um instante. Você vai ter que passar por uma prova.

TUTZI: Uma prova...?

TIVO: Sim. Com esses patins do Tempo você se movimentou e andou mais rápido do que se andasse com seus próprios pés. Agora tenho que ver se já está preparada.

TUTZI: Se estou preparada? Para que?

TIVO: Para um salto maior. Que nossa busca vai exigir muito de nós. Espere aqui. Com olhos e ouvidos bem atentos. Depois vai me contar o que foi que você viu, o que ouviu, o que sentiu. Tudo que se passou.

TUTZI: Mas... o que é que vai acontecer?

TIVO: Espere. Você vai ver. Sobe aqui no trapézio comigo.

(Ele vai se afastando sem que ela, em expectativa, o perceba, pois sua atenção é atraída para um som fino, distante, que vai crescendo pouco a pouco, devagar; aquela cantiga de roda: "Pai Francisco entrou na roda, tocando seu violão... tararão, dandão... tararão, dandão....

E aparece um casal vestido de modo esquisito, que mostra uma certa preocupação em exhibir elegância. De repente, veem Tutzi e se encaminham, quase correndo, para ela, exclamando):

ELE: Ah! Ela está aqui!

ELA: Você some sem dar explicação!

TUTZI (Recua, espantada): Quem, eu? Estão me procurando?

ELA: Claro! Temos que ver onde é que se meteu!

TUTZI: Eu não sumi. Estava aqui, conversando com ele.

ELE: Ahnn? Ele...?

ELA: Ele, quem?

TUTZI: Ahn?... Desapareceu de novo! Pronto! E agora, como é que eu vou fazer?

ELE: Está sonhando de novo?

TUTZI: Não! Ele estava aqui, tenho certeza! Ele e o trapézio!

ELA: Tem que parar com isso, menina! Não vá ser uma sonhadora, que nem seu pai! Sonhos e fantasias são bobagens! São coisas que não existem!

TUTZI: Como é que não existem? Agora mesmo, eu estava aqui, com ele! Jogando o jogo do contrário!

ELE: Isso já é exagero! Não deve deixar-se levar longe demais por uma fantasia.

TUTZI: E daí? O senhor nunca teve, uma fantasia?

ELE: Ter ...?

TUTZI: É. Se nunca teve, azar seu...

ELE: Ora, ter é claro que eu tenho!

TUTZI: Tem...?! Ué, o senhor nunca me disse que...

(Para, de repente, susto enorme: atrás dele surge aquela luzinha, aquele som... e uma figura de mulher rodando, rodopiando, passa dançando devagar. Mas eles não param de falar):

ELE: Ter fantasias é claro que eu tenho! Não fosse eu quem sou!

ELA: Não fosse ele quem é!

TUTZI (Para si): Será que... será que é ela passando por aqui?

ELE (Desanda a falar): Tenho milhões de fantasias: de rei, de príncipe, de toureiro, de japonês, de ... de imperador alemão! Também já me fantasiei de modo muito original: de prego, de tomada, de parafuso, de escada-rolante! E de máquina... E de cofre? Eu, fantasiado de cofre, fui um sucesso!

ELA: Prêmio de originalidade!

ELE: Depois ficou comum... Mas lancei moda: hoje tem um montão de gente fantasiada de cofre por aí.

(Luz e figura atrás somem).

ELE: E minha máquina de lavar? Incrível!

ELA: Incrível! Eu que mandei fazer!

(Tutzi começa a reparar melhor nos dois).

TUTZI: Ahn...?

ELE: Minha máquina de lavar era um grande cilindro metálico que girava, ta-cha-ta-chan-ta-chan-ta-chan... No ano passado, você não se lembra? Saiu em todos os jornais e revistas! Eu ganhei o primeiríssimo prêmio com minha fantasia de "imperador das máquinas de calcular"!

ELA: Imperador das máquinas de calcular!

TUTZ: Não é nada disso que nós estávamos falando, não. Nosso jogo...

ELE (Corta): Nós... Nós, quem?

ELA (Sem ouvir o que dizem): Ah, já sei: o que você quer é uma fantasia nova, com uma máscara bem bonitinha...

TUTZI: Máscara? Eu detesto máscaras!

ELE: Uma fantasia nova... Eu também adoro fantasias novas!

TUTZI: Nossa! Não é isto que eu estou dizendo! Parece até que nós falamos línguas diferentes!

ELA: Diferente? Ah, você quer algo diferente! Então vamos ver... Ah! Posso fantasiar você de cabide! As meninas sempre ficam muito bem de cabide!

ELE: Muito bem! Muito bem, mesmo!

TUTZI: Cabide, eu?! É reto, duro... Não gosto, não!

ELA (Desapontada): Não gosta, não? Como, não gosta! Eu estou dizendo que...

TUTZI: Olhem, desculpe, mas é que essas fantasias não são... não servem pra mim, não ... Espera! A não ser que eu pudesse brincar com elas! Aí até que poderia ser divertido: ter cada dia uma cara nova, diferente! Acordar de manhã e escolher: hoje vou ser... astronauta! E pimba! Virar astronauta e passar o dia todo rodando pelo espaço!... No outro dia, acordar outra pessoa, diferente! Ser um bando de gente numa só!

ELE: Ahnn?! Ser diferente?

ELA: Mais de uma...?

ELE: Passar o dia no espaço?...

ELA: Está maluca! Acho que botando a fantasia vira astronauta?

TUTZI: Se não vira, então essa fantasia não tem graça!

ELE: Como é que não? Você fica parecendo uma astronauta!

TUTZI: Eu não quero parecer! Eu quero ser!

ELA: Deixe de bobagem: nós é que sabemos o que é melhor pra você!

ELE: O que é melhor para você: nós sabemos!

ELA: Eu vou já, já, buscar sua fantasia e sua máscara!

ELE: Nós vamos buscar!

Vão saindo, apressados.

TUTZI (Alto): Vão buscar... pra que? Pra que, se não é isso que eu quero! Não é isso! Não é nada disso!

(Ela sozinha, ar agora triste).

TUTZI: Parecem malucos!... Mas Tivo disse pra não ir pelas aparências!... Coitados... Estavam até preocupados comigo, querendo me dar alguma coisa, que eles achavam que eu ia gostar. Ou que seria o melhor para mim. Mesmo ela sendo mandona que nem minha mãe. E ele... ele até se parecia com meu pai. Não. Acho que não, meu pai não era assim, tão velho. Nem tinha esses olhos tristes. Porque ele tinha olhos tristes. Isso eu vi bem! Ou será que meu pai também tinha olhos tristes e eu é que não tinha reparado antes?

(Tivo retorna).

TIVO: Então, como está se sentindo?

TUTZI: Não sei... Esquisito. Tá me dando uma espécie de saudade... de não-sei-quê... ou não-sei-quem ... Saudade... de meu pai... Como se eu estivesse vendo um pai... diferente.

TIVO: Também dói perceber que as coisas são diferentes. Isso às vezes faz a gente se sentir sozinho.

TUTZI: Sozinha. É isso. De repente me sinto sozinha.

TIVO: Não quer o que eles querem? O que é que você quer, então?

TUTZI: Não sei ainda. Só sei que está faltando alguma coisa. E o que falta... me faz falta. Falta, entende? Acho que o que eu quero... o que eu quero é o lado de trás, o que não me é mostrado. Não sei por que, mas acho que é aí que tudo começa!

TIVO: É aí que tudo começa, sim. É sempre o começo de tudo que surge. Vamos, então, à nossa busca?

TUTZI: Vamos! Só que, pra dizer a verdade, estou meio perdida. Você sabe por onde começar?

TIVO: Talvez... Quer subir aqui comigo?

(Mostra o trapézio, de novo balançando no ar).

TUTZI: É prá já!

TIVO: Então venha. Assim... devagar... Agora, deixe o corpo bem solto... não tenha medo do alto... aprenda a ir seguindo o movimento... Assim...

TUTZI: O movimento. Eu gosto desse movimento, mas...

TIVO: Não tenha medo. Devagar... Solte o corpo... Mais, deixe o corpo dançar... Assim... Mais alto... mais alto... Dê mais impulso, vamos! Siga o movimento! O movimento! Mais... mais... mais... Agora... O SALTO! Vamos!

(Corte de luz. Grito dela no escuro):

TUTZI: Onde vamos parar?

(Lugar quase todo em sombras, luz bem fraca, como se estivessem no fundo de um poço, ou até mesmo debaixo da terra, em uma mina de ouro ou de carvão).

TUTZI: Esquisito, esse lugar... Acho que não deveríamos ter dado um salto assim, no escuro.

TIVO: Todo salto é um salto no escuro: nem sempre se sabe o que vai acontecer depois.

TUTZI: Você está certo de que é por aqui?

TIVO: Aqui só uma coisa é certa: que nada é certo, mas tudo é possível.

TUTZI: Tudo é possível? Acho que é isso que assusta um pouco.

TIVO: Mas também dá vontade de ver, de sentir, de descobrir o que vem adiante.

TUTZI: Isso é certo! Olha lá! Parece uma sombra... Ou é apenas uma árvore?

(Música suave: alguém cantando uma melodia triste, muito triste: "Naquele alto rochedo que ninguém pode alcançar, alcançar, alcançar..." Continua à boca fechada).

TUTZI: Escuta só, Tivo, parece alguém triste... Voz de choro. Acho que... parece que vem da terra...

TIVO: Não. Acho que vem pelo ar. Cresce com o vento. E esse barulho, mais longe... Será que há águas aqui perto?

TUTZI: Essa voz... Mas não estou vendo ninguém!

TIVO: Aumentou... Agora parece estar em todos os lugares: no ar... vindo das águas... dessas sombras.. da terra!

TUTZI: E tão bonita, essa voz!

TIVO: Mas tem um tom de lamento, de queixa...

TUTZI: De onde é que está vindo? E de lá? Ou de cá? Temos que esperar ficar um pouco mais claro. Estou ficando zozna... Acho que nos perdemos...

TIVO: Essa voz... é ELA!

TUTZI: Onde? Não estou vendo nada neste escuro!

TIVO: Olha! Aquela dançarina! E está presa aqui!

(Vulto ou sombra mostrada vai sumindo. Música cessa).

TUTZI: Presa?!

TIVO: Eu sabia! Sabia que se ela aparecesse aqui seria presa.

TUTZI: Presa...? Mas presa por que, se ela não faz mal a ninguém?

TIVO: Como é que não? Ela representa uma ameaça enorme para muitos.

TUTZI: Ameaça...? Ameaça de que? Se ela traz a dança, a alegria!

TIVO: Sim, mas é também com ela que aprendemos o movimento e o salto. Ela faz as pessoas e as coisas se moverem...

TUTZI: E daí?

TIVO: Com isso ela traz a mudança. Que quando se movem, as coisas mudam de lugar e posição. E podem mudar tanto que criam um outro arranjo, uma outra forma. E há muita gente que tem medo disso.

TUTZI: Mas... se for pra melhor, por que não?

TIVO: Melhor, pra quem? Um rei não quer deixar de ser rei. O dono não quer deixar de ser dono, perder o que tem.

TUTZI: Perder o que tem... É, tem gente que acho que ficaria maluca se perdesse o que tem.

TIVO: Pra eles, o "melhor" é as coisas ficarem como estão, nada mover, nada mudar, nada se transformar. É por isso que ela é pra eles uma ameaça. Com ela presa, eles impedem, ou pelo menos acham que controlam sua dança e movimento.

TUTZI: Controlar... Hum, acho que estou entendendo. E tenho é raiva desse negócio de controle. Todas as vezes que me dizem "você tem que se controlar!" estão é querendo que eu deixe de fazer coisas, de dizer coisas que me dá vontade de dizer e fazer e que não têm nada de mal. Na minha cabeça, nesse tal de "controle" de que eles falam, a gente sempre sai perdendo alguma coisa.

TIVO: Ela não pode ficar presa! Tenho que descobri um jeito de soltá-la!

TUTZI: Mas não suma! Aonde vamos? O que vamos fazer?

TIVO: Vamos falar com os lavradores. Eles são meus amigos.

TUTZI: Os lavradores? Pra que?

TIVO: Os lavradores a conhecem. Gostam dela. Muitas vezes, quando acabam seu trabalho, ela vai dançar no meio deles...E contam histórias, histórias de um tempo que ainda vai chegar, trazendo o pão e o vinho, e a paz e a alegria para todos. Eles podem ajudar a soltá-la! Vamos!

TUTZI: Mas... enquanto vamos e voltamos, ela vai ficar presa? Fechada aqui, ela não pode adoecer, ou até morrer?

TIVO: Temos que correr o risco. Que risco e recompensa andam sempre juntos.

TUTZI: Por quê?

TIVO: Porque não há recompensa sem risco. Venha!

(Súbito, luz, uma luz forte, de sol de meio-dia e diante deles surgem dois guardas, as armas apontadas para eles).

1º GUARDA: Quem são vocês?

(TIVO não responde).

2º GUARDA: Não sabem que é proibido vir até aqui?

1º G.: E quem se aventura a fazer o que é proibido é preso e encaminhado a julgamento? Como ousam desafiar a lei?

(TIVO continua quieto e mudo. Tutzi também).

1º G.: Ah, não respondem? Pois bem: não respondem aqui, vão responder ao Rei.

2º G.: Vamos levá-los?

1º G.: Vamos:

(Quando vão saindo Tutzi atrasa o passo e lhe pergunta, às escondidas):

TUTZI: Tivo, como é que nos vamos sair dessa? O que será que vai acontecer?

(Palácio do rei. Guardas de um lado e do outro, e no meio, os tronos do rei e da rainha.

Alguém anuncia):

Sua Majestade, o Rei!

(Eles entram. Espanto de Tutzi):

TUTZI: (Para Tivo) Ué, e a Rainha, não é anunciada? Por que?

(Seu espanto cresce ao ver que é aquele mesmo casal que queria fantasiá-la de cabide e outras coisas mais. Exclama em voz alta seu espanto):

TUTZI: Ih! São eles, de novo!

REI (Furioso): Silêncio!

RAINHA (Em eco): Silêncio!

(Para surpresa de Tutzi, agora ela vai sempre apenas repetir o que ele diz, como se fosse mesmo um eco seu).

REI: Em presença do Rei não se fala!

RAINHA: Não se fala!...

(Ele se senta no trono, toma uma pose bem real e começa).

REI: Como é seu nome?

TIVO (Calmo): Eu sou Martí.

(Novo espanto de Tutzi. Mas se cala).

REI: Como ousam desobedecer ao Rei? Ir onde não podem? Fazer o que não devem? O que é proibido?

RAINHA: O que é proibido!

REI: Ahn? Respondam!

RAINHA: Respondam!

TIVO-MARTÍ (Adiantando-se): Majestade, não houve essa intenção. É que, um dia, passou por nós uma sombra, um vulto... que nos atraiu. Começamos a segui-lo e caminhando, caminhando, nos afastamos dos caminhos já abertos. Parecia que, para nos aproximarmos daquela criatura, era preciso ir mais longe, buscar novos rumos. Que o caminho que é o caminho não é o caminho...

REI: Hum...? “O caminho não é o caminho”... Fale claro!

RAINHA: Fale claro!

REI: Suspeito, esse seu jeito de falar!

RAINHA: Suspeito!

MARTÍ: Eu explico: é que, ao caminhar, ouvimos vozes no ar e cantos que vinham do fundo da terra... Vozes e cantos que feriam nossos ouvidos e se tornavam um imã para nossos passos. Parecia alguém preso - talvez aquela mesma pessoa que nós estávamos procurando...

REI (Impaciente): Ih! Quanta bobagem! Pra que sair procurando coisas por aí? Quem pode dar tudo que vocês querem sou eu! Eu e apenas EU!

MARTÍ: Dar, Majestade?

REI: Bem, dar, não digo: mas posso vender, trocar, comprar. Em alguns casos - muito raros! - chego até a emprestar! Desde que você me empreste alguma coisa em troca, é claro!

MARTÍ: Mas o que nos queremos... Vossa Majestade não tem.

REI: Hein?! Eu não tenho?!

RAINHA: Como é que ele não tem?!

REI: Eu tenho tudo! Tudo que você possa imaginar!

RAINHA: Tem tudo! Ele tem!

MARTÍ: Desculpem, Majestades, mas... não acredito.

REI: Ousa desafiar meu poder?

RAINHA: Desafiar o poder do Rei! E você menina, andando com ele!

TUTZI (De lado): Milagre! A Rainha conseguiu dizer alguma coisa que não é um eco!

REI: Diga o que quer! Vamos! Diga e verá se eu não tenho!

MARTÍ: Uma coisa bem simples... Vejamos: um espelho de águas.

REI (Engasga): Hein!...

RAINHA: Hein?!

REI: Como é, um espelho de águas?

MARTÍ: É o mais simples de todos. O mais antigo. Feito pela mão da Natureza.

REI (Baixo, para a rainha): Natureza...? Conhece essa senhora, Rainha?

RAINHA: Hum... Natureza?... Ele chamou só pelo nome, já se vê que não é nenhuma duquesa, nem condessa, não é nem Dona Natureza. Não deve ser uma pessoa importante!

MARTÍ: Nunca se olharam num espelho de águas?

REI: Ora... Eu tenho espelhos de todos os tipos... Espelhos de mão, espelhos de bolso, espelhos de parede, espelhos de armário... Tenho até um bisotê, finíssimo, coisa rara, cristal do século XV! E um japonês, do tempo do príncipe... do príncipe... como era mesmo o nome dele?... Ora, sabe que mais: acho que você quer é nos enganar! Esse espelho de que você fala... não existe!

RAINHA: Isso! Esse espelho não existe!

MARTÍ: Como é que não existe? Pois foi se olhando num espelho de águas que Narciso ficou famoso.

REI: Hum...? Narciso? Que Narciso?

MARTÍ: Não conhecem a história de Narciso? Narciso era um rapaz muito bonito. Um dia se olhou no espelho das águas e ficou apaixonado pela própria beleza...

REI: Histórias! Não disse?

RAINHA: Venha cá, menina!

TUTZI: Por quê?

RAINHA: Porque ele é maluco!

TUTZI: Maluco? Não acho! Maluco por quê?

RAINHA: Porque sim! Ele não é como nós! É maluco, maluco!

TUTZI: Maluco só porque é diferente de vocês... Ora! Pelo jogo do contrário, todas as coisas são diferentes!

(Ela para, olha Tutzi de cima a baixo, como se também ela estivesse com a mesma "doença" de Martí, e volta para seu lugar sem dizer uma palavra. Fica de lá, olhando-a enviesado).

REI: Mas esse tal de Narciso... também não existe!

MARTÍ: Essa não, Majestade. Pois se é conhecido no mundo todo.

REI: Impossível! Se nós não conhecemos!

MARTÍ: Mas ele é famoso. Há mais de 2.000 anos. E por causa de uma coisa muito simples: porque um dia... ele se olhou no espelho.

REI: Isto são histórias! Você mesmo disse! Eu não perco meu tempo com "histórias".

MARTÍ: Majestade, isto não são histórias. Isto faz parte da História, de nossa história, da história de todos!

REI: Ora, história... Sabe que mais? Você já está me incomodando! Sua presença não me agrada! Guardas, levem-no para a prisão!

TUTZI: Não! Esperem!

MARTÍ: Deixe, Tutzi. Posso fazer só um pedido, Majestade?

REI: Hum... Fazer, pode. Se será atendido é o que vou ver!

MARTÍ: Se tenho que ficar preso... gostaria de ficar no mesmo lugar em que os guardas me acharam.

REI: Hein? Ficar no mesmo lugar em que foi preso?

MARTÍ: Exato.

REI: Mas... Por quê?

MARTÍ: Porque, naquele lugar, mesmo estando preso, eu estarei livre.

REI: Hum...

(Vira-se mais uma vez para a Rainha e pergunta, baixo):

REI: Como é que ele pode estar preso e livre ao mesmo tempo?

RAINHA: Sei lá! Ele fala de um jeito que ninguém entende!

REI (Para Martí): Pois olha, para você ver o quanto eu sou generoso... consinto! Guardas, levem-no para aquele mesmo lugar. Mas que ele fique sob controle! Bem vigiado, sempre!... Quanto a você, menina, ficará aqui no palácio. Terá de tudo...

TUTZI: De tudo o que?

REI: De tudo. Mas não pode mais sair.

RAINHA: Vai ficar vigiada também pra não andar mais com sujeitinhos como este!

(MARTÍ sai, levado pelos guardas. Os outros saem também. Tutzi, sozinha, faz força para não chorar).

TUTZI: Será que eu não vou tornar a vê-lo? Será que ele vai conseguir chegar até ela? E eu? Como é que vou sair daqui? Se não sair agora, depois não vou conseguir mais. Vou é seguir Martí e os guardas!

(Mas, mal sai correndo, para ver se conseguia ainda pegar Martí e os guardas, esbarra com alguém que entra: é uma figura esquisita, uma espécie de vassoura vestida, de óculos, espetada e dura. Que a segura pelos ombros).

TUTZI: Me solta, por favor, que eu tenho que ir falar com Martí antes que ele esteja longe demais.

ALQUILA: Agora não! Eu sou D. Alquila y Alquila, sua nova professora. E agora é hora de nossa aula!

TUTZI: Aula...?!

ALQUILA: Onde é que já se viu uma menina sem escola?

TUTZI: Desculpe, mas eu agora não posso. Eu tenho que...

ALQUILA: Sente-se! Já disse que é hora de aprender!

TUTZI: Mas... aprender o que?

ALQUILA: Tudo que uma princesinha precisa saber para se tornar uma digna Rainha. Como sua mãe. Exatamente como sua mãe.

TUTZI: Mas a Rainha não é minha mãe!

ALQUILA: A Rainha é mãe de todos. E ela quer que você aprenda como sentar-se, como andar, como falar, como agir, como pensar... Comportamentos, atitudes, valores, o que é bom e o que é mau, o que é certo e o que é errado!

TUTZI: No lugar onde nós fomos nada é só certo ou errado: tudo é possível!

ALQUILA: Que insensatez! O certo é certo, o errado é errado!

TUTZI: Quem diz? Fazendo o jogo do contrário, o certo de repente pode ser errado!

ALQUILA: Jogo...? Mas aqui não se trata de jogo! Não estamos brincando! As coisas são o que são!

TUTZI: E por que é que não podem ser diferentes?

ALQUILA: Porque não! Por exemplo: eu falo com a boca. Isto é minha boca. A palavra boca serve para designar esta parte do corpo que...

TUTZI: Palavra...? Para mim, boca é um som... Um som engraçado: bo-ca... bo-ca... Faz um barulhinho gozado, olha só: bo-ca...

ALQUILA: É um som e uma coisa.

TUTZI: Ou é uma coisa com som?

ALQUILA: A palavra boca é um conjunto de sons e designa a coisa que serve para falar!

TUTZI: E se eu não quiser falar? A boca pode só fazer espanto: OH!... Ou fazer um susto: IH!... Ou mostrar quando eu estou com medo: AHN!...

ALQUILA: Pare, menina e ouça o que eu digo!

TUTZI: Estou ouvindo. Eu só queria é entender se boca é uma palavra, um som ou uma coisa.

ALQUILA: É uma palavra! Tanto que pode compor, com outras palavras, novas expressões. Por exemplo: dizem à boca pequena que...

TUTZI: ... que o que?

ALQUILA: Qualquer coisa! Dizer à boca pequena é cochichar, fazer um segredo ser conhecido por todos.

TUTZI: Se fica conhecido é porque abriram muito a boca: não devia ser mais boca pequena!

ALQUILA: Não me interrompa! E ouça o que eu digo!

(TUTZI se aquieta, desanimada).

TUTZI (Para si): A essa altura já estão longe... (Olha D. Alquila) E se eu fizer com ela o jogo do contrário? Pode ser divertido...

ALQUILA: A palavra boca...

TUTZI: Mas boca não é também uma coisa? Esta coisa que serve pra beijar, pra comer, pra respirar dentro d'água, assim, aahn!

ALQUILA: Já vi que você vai me deixar louca!

TUTZI: Boca, louca... Bo-ca, lou-ca... são parecidos... O som mudou só um bocadinho, não foi? Veja só: bo-ca... lo(u)ca... Mas são coisas diferentes ... Quem foi que inventou, boca e louca?

ALQUILA: Ora, quem inventou!... Alguém, um dia, inventou! Tomou estes sons, formou uma palavra e...

TUTZI: E de onde é que tirou esse som? E por que é que usou este som e não outros? Eu podia chamar a boca de louca? E a louca de boca? No jogo do contrário...

ALQUILA (Zonza, interrompe): Podia... Quer dizer, não!... Que são coisas diferentes.

TUTZI: Diferentes!... Ah! Agora é a senhora que está fazendo o jogo!

ALQUILA: Não estou fazendo jogo nenhum!

TUTZI: Como é que não? No jogo do contrário...

ALQUILA: Você é que está ficando louca! Louca varrida! Sabe que mais? Seus porquês me cansam! E esse seu “jogo do contrário” também! Você é rebelde e isto não me agrada! Vou dizer à Rainha que...

TUTZI: Espere! Eu só quero saber! Eu preciso, pro meu jogo, saber mais!

ALQUILA: Não é este o assunto de minha aula! Não vim aqui pra isso! Passe bem!

(Sai, pisando duro).

TUTZI: É pena. Afinal, ela sabe uma porção de coisas, sabe muito mais que eu. Deve saber coisas que eu também queria saber. Que mal há em perguntar? As pessoas são mesmo diferentes... Tivo gostava que eu fizesse perguntas, vivia me provocando para eu perguntar coisas. E ele mesmo perguntava muito, pra me ver querendo descobrir, saber mais... Tivo-Martí... Como é que vou chegar onde ele está? Se eu seguir por este corredor talvez eu...!h! Olha ali o Rei e a Rainha!

(Detém-se, indecisa, entre ir a eles ou não. Mas aí passa a ouvir o que dizem).

RAINHA: Deve ser uma peça fina, esse espelho de águas. Ninguém tem no reino. Seremos os primeiros.

REI: Vamos mandar comprar!

RAINHA: Isso! Mandamos comprar! Mas, é uma antiguidade: tem mais de dois mil anos.

REI: Deve ser peça rara. Talvez seja um problema achar...

RAINHA: Um problema... Ih! Mas isso vai dar é outro problema terrível, seríssimo!

REI: Um problema seríssimo? O que?

RAINHA: Esqueceu que nossos 520 armários já estão superlotados? Não cabe mais nada! Nada! Onde vamos guardar esse espelho?

REI: Mando fazer, urgente, um novo armário! Com... 50 metros... Não, 80 metros...

RAINHA: É pouco! Com 150 metros de comprimento! Mande providenciar, rápido!

REI: É, mas... Já pensou...O problema é maior do que pensou: um armário deste tamanho ..só para guardar um espelho?

RAINHA: Claro que não! Diga rápido: o que mais você quer ter?

REI: Eu... neste momento não sei...Só quero saber...

RAINHA: Nem me fale! Não posso perder um minuto! Já vi que vou ficar uma semana, um mês, um ano ocupadíssima! Tenho que comprar mil coisas para por no armário novo! Mil coisas! 150 metros !...E o pior, sabe o que é? É que nós já temos tudo! Tudo! Onde é que vou encontrar coisas novas? Eu preciso comprar mil coisas novas! Tenho um armário inteiro, um armário de 150 metros para encher!

TUTZI (De seu lugar): Não entendi! Para ter um espelho - de que não precisam - têm que ter um armário, que faz ter mais espaço, que obriga a ter mais coisas, que vão acabar obrigando a ter de novo mais espaço para encher! Um ter-ter-ter que não acaba nunca! E eu é que sou louca varrida? Qual! Eu tenho é que sair aqui!

(Súbito olha para o alto e dá com o trapézio, em movimento, a sua frente).

TUTZI: O trapézio! Como é que eu entrei nesta história? Na história a gente nunca está sozinha. Eu entrei quando... quando vi este trapézio em movimento.O movimento! É pelo movimento que se vai adiante. Que se vai mais longe, até o salto!... Tenho que dar um novo salto, desta vez maior... (Hesita) Se cair? Não, tenho que arriscar! Tenho que saltar... que saltar... tenho que...

(Segura o trapézio, detendo seu balanço e sobe nele, decidida, enquanto luz desce, em resistência.

De novo aquele lugar estranho e escuro. Parecia o mesmo de antes. Mas tinha já alguma coisa diferente. Sons - sons misteriosos, que não se sabe bem de onde vinham... Tutzi olhando, olhando... mas, nada. Sozinha, sozinha, dando voltas e mais voltas. De repente, sem ela notar, surge atrás dela uma figura: um saci, dançando, pulando, ou fazendo "estrela" - aquela de mãos no chão e o corpo girando no ar. Súbito ela se volta e dá de cara com ele):

TUTZI: Ahn!... Quem é você?

(A resposta vem em sons guturais, que não dá pra entender).

TUTZI: Que quer de mim?

(Nada de resposta).

TUTZI: Onde é que nós estamos?

(Nada, só a mesma pulação, sem parar).

TUTZ: Para! Por que é que você não para? Para e fala comigo! Não sabe falar?

(Ele para de repente e fala, de um jeito meio-canto-meio-fala):

SACI: Um é um, um é um,
não é dois e nem três,
um é um,
não é dois nem três!

TUTZI: Hein?

SACI: (Sempre aos pulos, cantando, com a música de “Eu sou pobre, pobre, pobre... de marré de si”)

Se o inteiro é dividido
ele vale só metade...

Se o inteiro é dividido,
vale só metade...

TUTZI: Por que você não para de pular e dizer essas coisas que eu não entendo? Parece louco!

SACI: (com música e “Samba Lelê tá doente...”)

Vermelho não é azul

Verde não é amarelo

Como pode achar o branco
quem procura o caramelo?

TUTZI: Você fala por charadas, é?... Que é que você quer? Tenho que decifrar? Você diz coisas com sentido... misturadas com outras que não querem dizer nada! Como é que vou saber? (Pausa) Sabe, você não é maluco nada! Acho até que podemos conversar!

SACI: (Para mais uma vez e agora fala, encarando-a)

O que ainda não ê, não é,
porém pode vir a ser...

O sol, quando diz bom-dia,
nem sempre é amanhecer:
se o sol brilhasse de noite,
o que você ia fazer?

(Solta uma gargalhada e se afasta, pulando. Ela corre atrás).

TUTZI: Espera! Não entendi nada! Me diz pelo menos uma coisa: viu por aqui alguém chamado Martí? Ou os lavradores?

(Ele para de sopetão, chega bem perto e aponta):

SACI: Lá!

TUTZI: Lá?... Mas lá me parece tão sombrio, tão morto ... E se é por lá, por que é que seu pé aponta para cá, aponta ao contrário? Ahn? Por que seu pé aponta para cá?

(Ele para, olha o próprio pé e a encara de novo, fixamente):

SACI: Porque o caminho... você já não sabia? O caminho que é o caminho não é o caminho... O caminho é o contrário!

(Solta uma gargalhada e explode, desaparecendo em uma nuvem de fumaça. Tutzi, perdida. A cada hora um pontinho de luz pisca num canto, ora pra lá, ora pra cá, deixando-a tonta. E continuam sons e batidas, como que vindas do fundo da terra, parecendo uma fala confusa, diferente).

TUTZI (Medo): E agora, que é que eu faço? Pra onde eu vou? Que é que eu posso fazer?

(Corte de luz.

Reabre sobre Tutzi, ainda em semi-obscuridade, zanzando de um lado para o outro e falando alto, sozinha):

TUTZI: Que é isto? Um som?... Não, é o vento nas árvores... E se eu gritar? Bobagem, ninguém vai me ouvir... Aquela árvore... Nossa! De repente aquela árvore parecia ter o rosto de minha mãe!

(Seu andar e postura vão ficando mais lentos, demonstrando um cansaço enorme, uma tentação de parar... É quando ouve, bem claro):

VOZ: Está com fome?

TUTZI: Ahn? Quem falou?

(Aí vê quem fala: perto dela, uma árvore imensa. E no oco da árvore, uma figura de mulher, de longos cabelos, corpo e braço se confundindo com o próprio tronco e os galhos, suas raízes aparecendo a superfície, como se fossem seus pés, fincados na terra).

TUTZI (Aliviada): Ah, quero sim, estou morta de fome!

VOZ (Off): Então olhe para a terra. Olhe para a terra junto de mim e encontrará raízes.

TUTZI: Raízes...?

VOZ: Sim. Coma dessas raízes. E terá forças para caminhar muito, ir bem longe...

TUTZI: Comer dessas raízes...?

VOZ: Sim. As raízes vão longe, cavam e trazem consigo o segredo escondido no fundo da terra... É dessas raízes que vem a força de tudo que está vivo aqui !

TUTZI (Para si): Força-vivo-Tivo... Tivo, inventor de pontes que virou Martí guerreiro com a força de fazer coisas... Então, o caminho é por aqui!

VOZ: É por aqui...

TUTZI: Essas raízes ficam meio escondidas na terra... que nem os lavradores que eu estou procurando. Sabe onde estão?

VOZ: Os lavradores...? Os lavradores pegam essas raízes, comem parte e plantam o resto, para nascerem outras novas. Coma também e siga caminho, que os encontrará.

TUTZI: Eu... eu acho que em você posso confiar. Naquele Saci eu não podia. Quase me perdi.

VOZ: Você estava sozinha. E só falou em encontrar caminho, sem olhar em volta, sem ver nada, sem perguntar por ninguém mais. Muitos morrem assim: vêm buscar seu caminho sozinhos, sem dizer nada a ninguém... Ninguém sabe onde querem chegar: levam tudo que é seu trancado em um cofre, que carregam no peito, escondido de todos... Em certo ponto do caminho se perdem, não acham o rumo, enlouquecem e morrem assim.

TUTZI: Que horror, coitados!

VOZ: É por isso que, às vezes, quando alguém passa devagar por esses caminhos, descobre de repente um pequeno cofre destes, perdido, abandonado no chão... E a gente fica com pena daquele que tentou caminhar assim, sozinho, e guardou consigo, tão trancado, aquele pequeno cofre que poderia ter sido um tesouro para muitos...

TUTZI: Mas por que não dão o cofre a ninguém? E por que não continuam?

VOZ: Têm medo. E por causa do medo, param no meio do caminho. E se perdem. E morrem.

TUTZI: Parar no meio do caminho... Pois eu não vou parar no meio do caminho! Eu... eu vou encontrar forças para continuar!

VOZ: Então tome: lhe dou meus frutos e estas raízes. Coma e verá que vai acontecer!

TUTZI: Ahn? O que vai acontecer?

VOZ: Coma, para ver!

TUTZI: Não sei o que vai acontecer, mas... vou comer!

(À medida que começa a comer, devagar, bem devagar, tudo vai ficando mais claro em volta dela).

VOZ: Agora que você está com novas forças, para ir adiante, pergunte!

TUTZI: Perguntar? Perguntar o que? A quem?

VOZ: A tudo que estiver em torno de você. Verá que tudo fala.

TUTZI: Tudo fala: isso também já aprendi no meu jogo. Mas esta parte ainda não tinha experimentado...

VOZ: Tudo fala. E sua fala é que pode lhe apontar o caminho. O caminho por onde outros já passaram. O caminho que vai fazer você encontrar o que quer.

(A árvore se cala. Tutzi continua comendo, olhos atentos em torno. Aos poucos, uma claridade muito mansa vai iluminando tudo. Ela para, à espera: é a Lua).

TUTZI: A Lua! Que

LUA: Alguém passou por aqui...

TUTZI: Fui eu.

LUA: Ah! E quem é você?

TUTZI: Eu sou Tutzi.

LUA: Tutzi... Nomezinho engraçado. E o que é que você quer aqui?

TUTZI: Quero encontrar Martí. E os lavradores.

LUA: Martí? Não conheço. Mas os lavradores... Eu gosto dos lavradores. Mas não me encontro com eles. Que eu só ando de noite: quando eles começam a trabalhar, eu já estou indo embora. Quando eu chego, são eles que já estão indo descansar...

TUTZI: Mas não viu nem um? Não sabe aonde foram? Onde então?

LUA (Emocionada): Outro dia eu vi um... Mas nem gosto de lembrar. Era um menino ainda novo, corpo magro, pequenino... Estranhei que estivesse ali, de noite, dormindo assim pelo chão... Em volta dele, espalhadas, laranja, lima e limão... Cheguei mais perto pra ver: fiquei branca de tristeza e quase sumi do céu... O menino estava morto... com uma lima ainda na mão...

TUTZI: Morto! Mas, de que é que ele morreu?

LUA: A mãe, quando o encontrou, chorava de fazer dó... Ele saiu pro trabalho ainda com febre e dor... Mas não podia parar: tinha ainda que colher todo aquele laranjal - era a ordem do patrão... Sobe e desce, sobe e desce, sobe e desce sem parar... O corpo não aguentou e também desceu ao chão, que nem a fruta madura que ele tirava do pé... Só que morreu verde e novo, não chegou a madurar... Seu corpo vai ser raiz de uma nova plantação.

TUTZI: No lugar de onde eu vim, as crianças não trabalham...

LUA: Aqui trabalham. E muito. Pergunte ao Sol. Ele sabe. Ele deve estar chegando. Quando eu saio, ele está vindo...

TUTZI: Obrigada, D. Lua. Gostei muito da senhora!

(Um raio de luz forte se estende a seu rosto).

LUA: Tchau...! Voltaremos a nos ver...

(Um clarão surge do outro lado e vai crescendo, crescendo, ficando tão forte que Tutzi quase não consegue abrir os olhos para ver. De dentro dela sai uma voz):

SOL (Voz off): Alguém passou por aqui...

TUTZI: O que... Ai meus olhos!

SOL: Quem esta aí?

TUTZI: Sou eu.

VOZ: Eu, quem?

TUTZI (Tapando os olhos um pouco com a mão para poder olhar): Eu sou Tutzi, vim procurar Martí e os lavradores. A Lua disse que você é que sabe da vida deles...

VOZ: A vida deles... Sei da vida deles, sim. Acompanho o dia inteiro. Levantam-se assim que eu chego. Só quando vou embora é que descansam.

TUTZI: Eu queria saber como encontrá-los.

SOL: Quer saber onde é que moram? Onde vir casas pequenas: barro, mais barro e capim. Como vivem? Tentando sobreviver, indo e vindo do trabalho, que sua vida é trabalhar.

TUTZI: E onde é que eles trabalham?

SOL: Nas terras de seu patrão, que é dono de seu trabalho, de sua vida e de seu chão. Não tendo nada de seu, a não ser esse trabalho e a força de sua mão.

TUTZI: No lugar de onde eu vim, as pessoas têm tanto que nem sabem onde por... E ainda querem sempre mais!

SOL: Pois aqui, o que eles têm é essa força na mão que faz crescer as raízes que vão ficando na terra. É um trabalho que é dobrado quando a terra fica seca, quando vai embora a chuva e o verde da plantação.

TUTZI: E eles não podem viver de outro modo?

SOL: Isto eu não sei. Talvez possam. Mas só eles podem dizer. Pergunte ao Vento. Ele anda por todo o lado. E sabe o que se passa por aí.

TUTZI: E onde é que eu acho o Vento?

SOL: Já vai passar por aqui: eu pedi que ele viesse, porque há dias não chove. O Vento refresca o ar. E alivia o suor dos lavradores. Que o trabalho no campo não é fácil. Eu vejo e sei. Olha, ele vem vindo. Adeus! Boa sorte!

(Um assvio forte anuncia o Vento. Tutzi finca com força os pés no chão e grita):

TUTZI: Cuidado, Snr. Vento! Assim vai me carregar!

VENTO: Ahn?... Ah, desculpe, menina, é que estou com muita pressa.

TUTZI: Obrigada. Assim está bem. Não quero atrasar o senhor, que sei que vai ajudar os lavradores. Só queria saber se posso ir junto. Eu também quero ir lá, mas não sei o caminho.

VENTO: O caminho ? Mas meu caminho não pode ser o seu. Eu posso lhe trazer notícias deles... Posso levar a eles as coisas que vi e ouvi em outros lados... Posso guardar vozes e sons que vêm de muito longe e meu amigo, o Tempo, me manda trazer e espalhar por aí... Você pode escutar essas vozes e sons, que elas falam de caminhos... Mas você tem que andar com os pés na terra.

TUTZI: Os pés na terra...

VENTO: Olha, aqui perto há um riacho. É por ele que os viajantes caminham. Veja o movimento das águas...

TUTZI: O movimento...

VENTO: ... e siga esta corrente!

TUTZI: Seguir o movimento... Como antes, no trapézio!

VENTO: Exato. Veja para onde vão as águas... que elas levam aonde você quer. É o que fazem todos os viajantes.

TUTZI: Obrigada, Sr. Vento!

VENTO: Se você se perder, me chame. E ouvido atento, sempre, que lhe direi por onde ir. Até mais!

(Sai ventando. Tutzi recomeça também a caminhada até que ruído, a princípio distante, depois cada vez mais forte, de cachoeira):

TUTZI: O rio... Ele disse pra seguir o movimento das águas, ir na corrente...

(Surgem figuras com planejamentos soltos em vários tons de azul)

TUTZI: Vou mergulhar nessas águas... Deixar a água rolar sobre meu corpo... Limpar meu cansaço, meu desânimo, meu medo, tudo que pode me fazer parar...

(Enquanto fala, se envolve na dança das águas, que permanece até a descida da luz, em resistência. Ao reabrir a luz, Tutzi caminha, novamente só. Súbito para):

TUTZI: Essas marcas no chão... Marcas de pés, de pés bem fincados, afundando na terra. Alguém passou por aqui... (continua a olhar em torno) Quantos! Deve haver mais gente, caminhando, como eu, um bando de gente em movimento! Se eu andar mais rápido...

(Apressa o passo. E logo vê surgir a sua frente uma figura, enxada ao ombro, caminhando. Apressa mais o passo para falar com ele, e nota, pouco mais adiante, um outro, também com seus instrumentos de trabalho. Aproxima-se deles):

TUTZI: Vocês são lavradores?

X: Sim.

Y: Somos.

TUTZI: Ah! Que bom!... Eu estava procurando... Vocês conhecem um rapaz chamado Martí?

X: Não. Não conhecemos.

Y: Por quê?

TUTZI: É que... é meu companheiro. Veio pra cá, mas não sei onde está. E vocês, onde é que estão indo?

X: Para nossa reunião.

TUTZI: Reunião...? E pra é que estão levando as pás, enxadas, e essas coisas todas de trabalho?

Y: É que estamos trabalhando.

TUTZI: Trabalhando? Fazendo o que?

X: Abrindo espaço.

TUTZI: Espaço?... Abrindo espaço, como?.. Para que?

Y: Venha ver.

(Saem juntos. Cenas às escuras. Exceto em um espaço não muito grande, que reproduz uma espécie de clareira no meio de uma mata fechada. Dentro dessa clareira um grupo de pessoas sentadas, formando uma roda em torno de uma grande fogueira canta uma música. É uma cantiga de roda muito antiga: “Capelinha de melão/ É de São João/É de cravo, é de rosa/É de manjerição...” Só que cantam com uma letra diferente):

Tenho fome e tenho frio
quero espaço e chão
pra plantar minha semente
e ver nascer meu grão.
Nosso sonho é pequenino
mas com a união
vai crescer, vai crescer
vai brotar do chão!

(Tutzi e os caminheiros, chegando, se sentam e começam a cantar junto. O coro sobe com força. Súbito um deles ergue o corpo, levanta a mão, com a picareta que trazia e começa, agora sozinho, uma fala-canto):

Trago minha picareta
e a força da minha mão,
trago o amarelo maduro
da laranja e do limão,
pra fazer nosso arco-íris,
que é ponte de ligação.

(À medida que ele fala-canta, surge uma luz amarela, deixando atrás um fecho luminoso. O coro volta a crescer, todos juntos):

... quero espaço e chão,
pra plantar minha semente
e ver nascer meu grão!...

(Um outro se levanta e ergue bem alto uma foice e uma enxada, começando seu canto-fala):

Trago foice e trago enxada
e a força da minha mão

e o vermelho do meu sangue
que é vida, dor e emoção
pra juntar nesse arco-íris,
que é ponte de ligação.

(Atrás, junto ao outro, surge um facho vermelho. Coro retorna):

Nosso sonho é pequenino
mas com essa união
vai crescer, vai crescer
vai brotar do chão!

(Ergue-se o seguinte, para soltar seu canto):

Trago formão e martelo
e a força da minha mão,
trago o azul e o anil,
cores do céu de verão,
pra botar nesse arco-íris,
que é ponte de ligação.

(Azul manso, começando a aparecer junto às demais; formando pouco a pouco o arco-íris de que fala a música. O que se levantou agora é mais velho e a luz do fogo, batendo em seu rosto, mostra um mapa de rugas bem fundas. Sua fala diz também dessa tristeza):

Trago pá, trago o ancinho
e a força da minha mão,
trago o roxo da tristeza
que já vi por onde andei,
pra fazer nosso arco-íris
com as cores de onde passei.

(E o roxo, crescendo bem lento, bota um triste no arco-íris. Mas, como no jogo do contrário, falou de tristeza, parece que a alegria faz questão de se mostrar também. Coro entra com uma força enorme e o próximo vem dizer seu canto):

Trago comigo o machado
e a força da minha mão,
trago o verde que ilumina
o capim e a plantação,
quando a seca vai embora
e a chuva chega com força
fazendo florir o chão.

(O verde completa o jogo de cores que agora ilumina a todos os rostos. Tutzi se volta para o vizinho):

TUTZI: O espaço está crescendo? Ou é o arco-íris que faz ver tudo melhor? Parece até que já está amanhecendo, já dá pra ver melhor os rostos... Ou é a noite que está virando aurora? E eu... eu não tenho ferramenta. O que eu vou poder dar? Minha força é pouca, meus recursos...

(Detém-se, súbito, vendo alguém que levantou e canta):

Trago o que aprendi na vida
e a força de um coração,
de cor, trago o alaranjado
que é mistura de outras mais,
pra botar neste arco-íris,
que é um pouco de todos nós.

TUTZI (Grita): Martí!...

(Salto, corrida e aquele abraço!)

ELE: Que bom que você conseguiu chegar!

TUTZI: Não foi fácil. Quase me perco no caminho.

ELE: Você mudou, está tão diferente! Eu conheci uma menina, perguntadeira, inquieta, sonhadora... Agora, estou vendo uma mulher.

TUTZI: Uma mulher que é ainda inquieta e sonhadora... Mas continuo sendo Tutzi. E você, quem é agora? Foi Tivo, foi Martí e agora, quem é?

ELE: Agora sou Pedro.

TUTZI: Pedro?

ELE: Pedro, pedra, fazendo base para a construção.

TUTZI: A construção...?

ELE: Sim. Que aqui, nesse grupo, se junta a lavradores e construtores. Os lavradores, plantando as sementes de um novo tempo que já está com raízes no fundo da terra. Os construtores, trabalhando para fazer surgir uma cidade nova e diferente, que seja espaço e morada de todos.

TUTZI: E este arco-íris... é ponte de ligação para que? Para onde?

ELE: Venha cá. Repare bem: até onde vai sua outra ponta?

(De dentro do arco-íris vem subindo, devagar, uma figura de mulher uma figura movente, dançante, movendo-se, dançando sempre...)

TUTZI: Mas... É ela!

PEDRO: VITA! Vita Vita, Vita, a nossa dançarina-guia, sempre nova, imprevista e imprevisível, que nos apaixona e nos leva a segui-la, encantados! Uma ponta do arco-íris está aqui, a outra batendo onde ela está. Quando houver aqui bastante espaço aberto e nossa construção erguida, ela poderá trazer para cá sua morada, fazer reinar entre nós seu movimento, sua dança, sua alegria...

TUTZI: Que diferença, Pedro!

PEDRO: Diferença...?

TUTZI: Entre o que eles diziam e o que as coisas são. Entre o chão daquele palácio e esta terra em que estamos pisando. Entre eles e estes, que estão aqui, trabalhando e brincando!

PEDRO: Para aqueles, a terra é apenas o chão, a parte sólida da superfície. Ficam também na superfície das coisas, no-que-se-mostra apenas e eles chamam de "realidade". Não deixam lugar para o-que-se-esconde no mais fundo, para o sonho, a imaginação, a fantasia, o mistério...

TUTZI: O sonho... Pedro-lavrador-de-sonhos, construtor-de-pontes ... E quais são os seus sonhos, agora?

PEDRO: São os sonhos do meu povo. Que estão aí, para quem quiser ver, que nem gato escondido... com rabo de fora.

(O grupo tinha desmanchado a roda e agora se reunia, próximo à ponta do arco-íris que fincava na terra. E entre eles e "Ela" começa um diálogo. Mais uma vez a música "Onde mora bela condessa, filha de França"... brinquedo sério de roda, nossa velha conhecida. Os lavradores cantando e chamando a dançarina Vita para dançar com eles):

Venha a nós, senhora da terra,
filha dos ares, onde nasceu...
Venha a nós, senhora do fogo,
filha das águas, onde apareceu...

Um deles se adianta e canta:
Dai-nos força pra buscar
tudo que aqui nos falta...

E ela canta e dança em resposta:
Eu lhes trago leite e mel,
que é melhor que ouro e prata,
eu lhes trago vinho e pão,
que é pra viverem em paz e união...

OUTRO LAVRADOR:

Tão tristonho que eu vinha,
tão risonho vou voltar...

E ELA:

Venham cá, meus companheiros
Seu desejo realizar..

PEDRO: E você, Tutzi, o que é que você sonha? O que é que está buscando?

TUTZI: Eu...? (Levanta os olhos para ele e diz, devagar) Pedro... Seu rosto, seus olhos... É o fogo da fogueira que ficou guardado neles? Ou é a luz do amanhecer que agora põe neles esse brilho? O que eu quero? O que eu quero agora é só poder ter seu rosto perto do meu. E ver sempre em seus olhos essa luz e esse fogo...

PEDRO: Vem!

Abraço, olhos nos olhos, agora dançando juntos.
A bailarina Vita se aproxima e vem dançar em torno deles.

ELA: E para onde vocês vão?

TUTZI: Para aqui, para lá, acolá, para todos os lugares...

PEDRO: Para onde o sonho dos homens estiver buscando caminhos... E construtores e lavradores ajudando a abrir espaços até lá.

Grupo, saindo, retorna ao coro:

Tenho fome e tenho frio
quero espaço e chão
pra brotar minha semente
e ver nascer meu grão...

ELA (de novo no arco-íris e sob a música ainda): E quando ela brotar e crescer... eu virei morar para sempre com vocês!

Música e coro crescem marcando o

F I M

Obs.

Este texto foi retirado do site do CBTIJ - Centro Brasileiro de Teatro para a Infância e Juventude. Lembramos que qualquer montagem, profissional ou amadora, desse texto, requer a autorização do autor, ou da entidade detentora de seus direitos autorais.

Contato da Autora: mhkuhner@yahoo.com.br

Contato CBTIJ: cbtij@cbtij.org.br

Informações sobre o texto:

Recado ao leitor: Posfácio do livro publicado, que vale também para a peça.

Sabe como esse livro nasceu?

Uma coisa que me dava muita raiva é quando as pessoas se viravam pra mim e diziam: “Isto é assim” ou “tem que ser assim”. Eu ficava pensando: tem que ser por quê? E se eu quiser algo diferente? E se quiser mudar, ou ver mudarem, as coisas? Será que não é assim que tudo começa: quando se sente que “o caminho que é o caminho não é o caminho” (Lao-Tse) e se começa a querer algo diferente, a sonhar, a imaginar o que poderia acontecer, ou a ver como as coisas poderiam ser...

Aí aquelas pessoas, que chamavam a si mesmas de “adultos” (como são bobos às vezes, Deus meu!), ao ouvir isso tomavam um ar engravatado e solene e diziam que sonho, fantasia, imaginação, utopia, tudo isso era “bobagem”, que o importante era a “realidade”...

Hoje, eu rio deles... Porque aprendi que o sonho, a fantasia, a utopia fazem parte - e parte muito importante - da tal “realidade”. E descobri isso exatamente quando aprendi o jogo dos contrários e comecei a jogar com tudo que via e ouvia.

Daí que, apesar de todas aquelas aventuras, alegrias e tristezas e trapalhadas de todo tipo em que me meti, acho que valeu, e muito, aquela aprendizagem. E por isso alguma coisa dentro de mim não sossegaria enquanto não contasse tudo a você e mostrasse como é o jogo, não só para divertir você, como para dividir com você minhas descobertas.

Será que consegui? Depois você me conta.

Obs.

Este texto foi publicado inicialmente pela Cia. Editora Nacional /SP, na Coleção Passe Livre - 1986 (Literatura Jovem)

A adaptação para teatro foi feita pelo grupo de Pesquisa Teatral da Universidade de Campinas/ SP, em 1992.

Foi também publicado pela Editora Vertente Cultural, do Rio de Janeiro, numa compilação de textos da autora, chamado *Teatro para Crianças e Jovens (De Todas as Idades)*, em 2011.